



V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

O conceito de poder em Sobre a Violência, de Hannah Arendt

AUTOR PRINCIPAL: Sophia Franciele Martins Binelo

CO-AUTORES:

ORIENTADOR: Giovani Corralo

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte dos debates realizados pelo Grupo de Estudos das obras de Hannah Arendt da Faculdade de Direito da Universidade de Passo Fundo, sob coordenação do professor Dr. Giovani Corralo. Nele, serão apresentados os principais conceitos de poder e violência desenvolvidos pela autora em sua obra Sobre a Violência. Hannah Arendt nasceu na Alemanha, em 1906, no século que não foi apenas palco de duas guerras mundiais, mas também dos maiores conflitos internos vividos por uma sociedade que havia experimentado os piores resultados da racionalidade humana. Nesse contexto, Hannah vai escrever, entre 1968 e 1969, Sobre a Violência, cujo principal objetivo não é apenas diferenciar violência de poder, mas mostrar que a violência é a ausência de poder, é a substância que surge quando todo poder desaparece. Em consonância com esse pensamento, analisaremos nas linhas a seguir o desenvolvimento desses conceitos pela autora em uma de suas principais obras sobre o tema.

DESENVOLVIMENTO:

Ao analisar a obra de Hannah Arendt, percebemos que a autora vai contra o consenso do pensamento político de até então que pouco, ou quase nunca, fazia distinção clara entre violência e poder. Colocando, na maioria das vezes, a violência como simples manifestação de poder, um instinto inato à natureza humana. Em desacordo com esse pensamento, Hannah Arendt vai defender que, “Nem a violência nem o poder são fenômenos naturais, isto é, uma manifestação do processo vital; eles pertencem ao



V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



âmbito político dos negócios humanos, cuja qualidade essencialmente humana é garantida pela faculdade do homem para agir, a habilidade de começar algo novo” (2009, p. 103). Para ela, o poder é sempre coletivo, pois “corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas também agir em concerto”. Desse modo, “O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas enquanto o grupo se conserva unido” (2009, p. 60). Sobre isso, esclarece que “É o apoio do povo que confere poder às instituições de um país, e esse apoio não é mais do que continuação do consentimento que trouxe as leis à existência. Sob condições de um governo representativo, supõe-se que o povo domina aqueles que o governam”. De acordo com a autora, as instituições políticas são manifestações e materializações do poder que se petrificam e decaem tão logo o poder vivo do povo deixa de sustentá-las (2009, p. 57). Nesse sentido, Arendt busca mostrar que “uma das mais óbvias distinções entre poder e violência é que o poder sempre depende de números, enquanto a violência, até certo ponto, pode operar sem eles, porque se assenta em implementos” (2009, p. 58). Contrariamente à violência, o poder fundamenta-se na legitimidade, não necessitando de justificação, uma vez que é inerente à própria existência das comunidades políticas. O poder, nesse caso, emerge onde quer que as pessoas se unam e ajam em concerto. Contudo, sua legitimidade deriva mais do estar junto inicial do que de qualquer ação que então se possa seguir, uma vez que a legitimidade, quando desafiada, ampara-se a si mesma em um apelo ao passado, enquanto a justificação remete a um fim que jaz no futuro. Nesse sentido, Hannah Arendt aborda uma das principais diferenças entre violência e poder, a violência pode ser justificável, mas nunca será legítima. Para a autora, a violência não depende de números ou de opiniões, mas de implementos. Desse modo, fica fácil imaginar que aqueles que se opõem à violência com o mero poder rapidamente descobrirão que não são confrontados por homens, mas pelos artefatos humanos cuja desumanidade e eficácia destrutiva aumentam na proporção da distância que separa os oponentes. Nesse sentido, Hannah ressalta que a violência sempre pode destruir o poder, posto que do cano de uma arma emerge o comando mais efetivo, resultando na mais perfeita e instantânea obediência. Entretanto, o que nunca emergirá daí é o poder (2009, p. 70), posto que a violência nunca será legítima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Embora, historicamente, possamos perceber que violência e poder andaram sempre muito próximos, esses conceitos não se confundem. “O domínio pela pura violência advém de onde o poder está sendo perdido”. Nesse sentido, Hannah Arendt alerta que “Substituir o poder pela violência pode trazer a vitória, mas o preço é muito alto; pois ele não é apenas pago pelo vencido mas também pelo vencedor, em termos do próprio poder” (2009, p.71). Em outras palavras, a violência é a própria ausência de poder.



V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. Sobre a violência. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2009.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa): Número da aprovação.

ANEXOS